

VICENTE FRISULLO

Espiritualidade e missão do catequista

A partir do documento da CNBB n. 107



Introdução

A ação catequética, em sua missão de iniciar à vida cristã, tem sido uma preocupação constante da CNBB, sobretudo nestes últimos anos e a partir do documento Catequese Renovada. O documento da CNBB: *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*,¹ manifesta de modo claro essa preocupação, sobretudo levando em consideração o atual horizonte cultural, nem sempre favorável, se não hostil, à experiência e à vivência da fé.

Num contexto de poucas certezas e muitas dúvidas, de autosuficiência e de experiência dos próprios limites e fragilidades, de muitas hesitações e perplexidades, faz-se necessário percorrer novos caminhos na evangelização para testemunhar que “Anunciar Cristo significa mostrar que crer nele e segui-lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de cumular a vida dum novo esplendor e duma alegria profunda, mesmo no meio das provações” (EG, 167).

Quando se fala de iniciação à vida cristã, entende-se sublinhar um processo, um itinerário por etapas que leva à imersão na vida cristã, caracterizada por um encontro pessoal com Cristo, que passa, necessariamente, pela fé e vida em comunidade, a qual é o lugar e a meta de toda ação catequética. Esse ponto exige do catequista uma atenção toda especial, assim como pede o documento n. 107: com o processo de iniciação “as pessoas são iniciadas no Mistério de Cristo e na vida da Igreja. Não é como um curso que termina em festa de formatura, nem se trata de mera devoção particular. Quem é iniciado se insere na Igreja e assume os compromissos da missão a que ela

¹ CNBB. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Brasília, CNBB, 2017. Documento n. 107.

se dedica”.² Nem é preciso aqui mencionar a dificuldade de alcançar esse objetivo numa cultura que privilegia, de forma quase exclusiva, o subjetivismo e as relações virtuais, efêmeras e provisórias que buscam somente a satisfação pessoal e imediata.

É por isso que a missão do catequista só pode ser entendida no seio duma comunidade preocupada com a formação e educação da fé dos próprios membros. Isso explica a preocupação da Igreja com a formação do catequista, em cujas mãos ela coloca o seu futuro. Com efeito, não é exagerado afirmar que o futuro da Igreja depende, em muito, de uma ação catequética iluminada, pois dela faz parte a ideia de Deus, de Jesus, de Igreja, do sentido da existência e da salvação. É nesse sentido que se coloca a decidida afirmação do Papa João Paulo II: “A Igreja, neste século XX prestes a terminar, é convidada por Deus e pelos acontecimentos, que também são apelos de Deus a consagrar à catequese os seus melhores recursos de pessoal e de energias, sem se poupar a esforços, trabalhos e meios materiais, para organizá-la melhor e formar para ela pessoas qualificadas” (CT, 15). E, devido à urgência, os bispos, primeiros responsáveis da ação catequética dentro da Igreja, devem ter claro “que a preocupação de promover uma catequese ativa e eficaz não ceda nada frente a qualquer outra preocupação, seja ela qual for”, a fim de “suscitar e alimentar (...) uma verdadeira paixão pela catequese: uma paixão, porém, que se encarne numa organização adaptada e eficaz, que empenhe na atividade as pessoas, meios e instrumentos e também os recursos financeiros necessários” (CT, 63). Diante dessa urgência, mais numa vez constatada, surge o documento *Iniciação à vida cristã*.

Entre os meios necessários para essa empreitada, em primeiro lugar está a “consagração dos melhores recursos de pessoal”, entre eles

² Id., n. 94.

o catequista, dedicando-lhe atenção e preocupação constante, vigilante e efetiva, oferecendo à sua formação todos os meios, a fim de tornar eficaz sua imprescindível ação de educador da fé. Elemento determinante dessa formação será uma sólida espiritualidade que, além de alimentar o caminho para a santidade pessoal do catequista, lhe proporciona um válido e imprescindível instrumento de eficácia em sua ação catequética.

1. O necessário ponto de partida

Ao catequista, ao qual a comunidade eclesial confia a educação da fé de seus membros, podem ser atribuídas várias tarefas. Mas é preciso delinear o seu campo, sublinhando as urgências em sua atuação de educador da fé. Ao título do documento *Iniciação à vida crista*, segue-se uma complementação que explica o específico da ação catequética e da missão do catequista: itinerário para formar discípulos missionários. Aqui se encontra o próprio da ação catequética, a finalidade da missão da Igreja e, dentro dela, a missão incansável do catequista, que é fazer discípulos! E discípulos missionários! Discípulos que, tendo encontrado o Mestre, o caminho que os leva ao encontro do Pai, não podem conter em si essa alegria e saem pelo mundo gritando: “Encontrei Jesus!”. O catequista, tendo feito essa experiência decisiva, sente a urgência de comunicar aos outros membros de sua comunidade essa alegria e indicar o caminho.

O catequista saberá avaliar o resultado de seu labor catequético não a partir do número de catequizandos que encaminhou ao Batismo, nem do número de crianças que conduziu à Primeira Eucaristia, ou do número de crismandos que levou ao recebimento dos dons do Espírito, mas a partir desta constatação: os meus catequizandos se tornaram discípulos de Jesus. A certeza da realização dessa missão está na alegre constatação de que esses discípulos são e serão missionários, isto é, apaixonados por Jesus. É a missão da Igreja: fazer discípulos. E é nisso que a Igreja encontra sua razão de ser: “Vão e

façam discípulos de todas as nações” (Mt 28,19)! Tudo o mais deve ser considerado a partir dessa prioridade.

Ser catequista é “levar alguém a perscrutar o Mistério de Cristo em todas as suas dimensões”, isto é, “procurar desvendar na Pessoa de Cristo todo o desígnio eterno de Deus que nela se realiza” (CT, 5), e isso só pode acontecer quando o catequizando se põe no seguimento de Cristo, tornando-se seu discípulo.

Fazer discípulos é uma ordem peremptória de Jesus. Se analisarmos a estrutura de Mateus 28,19-20: “Vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei”, em que Jesus manifesta o sentido do mandato confiado aos apóstolos, perceberemos que o pedido de fazer discípulos é central, e está na base da própria evangelização. Na passagem em questão, a atenção e a intenção de Jesus recaem sobre o verbo principal: *faizei discípulos (matheteúsate)*. O ensinando (*didascotes*) e batizando (*baptizontes*), verbos no particípio, são secundários, e explicam como realizar o mandato de fazer discípulos. Foi assim que o entendeu São Paulo, quando afirmava aos Coríntios: “Dou graças a Deus por não ter batizado a nenhum de vós, com exceção de Crispo e de Gaio... Porque Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o Evangelho” (1Cor 1,14.17), cuja finalidade é fazer discípulos (Mt 28,19).

O catequista, tendo descoberto o Mistério de Cristo, se torna discípulo missionário com a missão de conduzir os irmãos na fé ao encontro com Cristo, para se tornarem, por sua vez, discípulos missionários.

2. Os passos do itinerário para formar discípulos missionários

O catequista, formado discípulo para formar discípulos, já percorreu os passos que o levaram ao encontro de Jesus e a se tornar

discípulo dele. O catequista discípulo, observando e ouvindo o Mestre, apreende dele como se aproximar dos catequizandos e conduzi-los ao seu encontro. Um dos exemplos paradigmáticos dessa aproximação de Jesus nos é dado pelo relato do encontro dele com a samaritana, que pode iluminar o catequista em sua ação. Esse encontro de Jesus com a samaritana é relatado no quarto capítulo de João, e constitui o primeiro capítulo do documento *Iniciação à vida cristã*.

Esse relato tem a vantagem de mostrar como o encontro com Jesus pode modificar a nossa vida e também a dos outros. Nesse encontro de Jesus com a samaritana, muitos podem encontrar-se, pois

não há homem ou mulher que, na sua vida, não se encontre, como a mulher da Samaria, ao lado de um poço com uma ânfora vazia, na esperança de encontrar que seja satisfeito o desejo mais profundo do coração, o único que pode dar significado pleno à vida.³

No seguimento o discípulo se coloca à escuta do Mestre, realizando assim a configuração com ele. A força para levar a termo essa configuração vem da graça dos sacramentos da iniciação cristã.

A catequese de João sobre o mencionado encontro oferece ao catequista, além de um percurso pessoal, uma luz sobre sua ação catequética. Assim como Jesus parte do problema imediato da samaritana – a sede –, o catequista, seguindo o método do Mestre, se coloca à escuta do catequizando, de suas aspirações, bem como das motivações e esperanças que o levaram a iniciar o percurso catequético. Nessa busca, o catequizando descobrirá que também Jesus está em busca dele; que Jesus se importa com ele e o está esperando para um encontro pessoal. Jesus também tem sede e pede água; tem sede de um encontro pessoal com cada um. Nessa sede de Jesus o

³ *Iniciação à vida cristã*, cit., 11.

catequizando descobrirá o dom de Deus. Essa reciprocidade permite superar as distâncias, pois se estabelece um encontro entre as necessidades humanas (as expectativas dos catequizandos) e a gratuidade de Deus (“Se conhecesses o dom de Deus!”), fonte de água viva que o catequizando busca no poço da catequese. Como a samaritana, também o catequizando, por etapas sucessivas, descobrirá Jesus como o homem judeu, profeta, Messias e Salvador e, nele, o sentido de sua vida. É o momento em que o catequizando experimenta que a água oferecida por Jesus é a resposta à sua sede, e o pedido será inequívoco: “Senhor, dai-me desta água” (Jo 4,15).

Feita essa experiência, o catequizando, com a iluminação e a graça dos sacramentos da iniciação cristã, sentirá a necessidade, como a samaritana, de comunicar a sua experiência aos outros: “Vinde ver!” (Jo 4,29). É o discípulo missionário, o seguidor de Jesus que, configurando-se a ele, se torna, por sua vez, testemunha de Jesus, o revelador do Pai das misericórdias. Tudo tem início no encontro pessoal com Jesus, que está na base da fé que vai gerar um processo contínuo de crescimento, como afirmou o Papa Bento XVI no início da encíclica Deus é amor: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, dessa forma, o rumo decisivo”.

3. A lição da história no processo de iniciação à vida cristã

Tem-se falado muito da insuficiência do processo catequético atual, que, em geral, se mostra preocupado apenas com a preparação pontual aos sacramentos. Isso fez com que a atenção se voltasse, quase exclusivamente, às crianças. A constatação da insuficiência desse modelo tem despertado certa apreensão com relação à catequese com adultos. Apesar de o RICA ter sido publicado em 1972 e o

documento da CNBB *Catequese renovada* dedicar um parágrafo importante ao assunto, no Brasil o RICA continua praticamente desconhecido, e onde é “aplicado” não mostra significativo resultado, pela grave e crônica falta de pastoral de conjunto nas dioceses.

O documento *Catequese renovada* tinha feito um apelo à importância da catequese com adultos. Depois de ter afirmado que “É na direção dos adultos que a evangelização e a catequese devem orientar seus melhores agentes”, o documento, no parágrafo 130, destaca dois motivos que justificam essa importante mudança:

– “São os adultos que assumem mais diretamente, na sociedade e na Igreja, as instâncias decisórias e mais favorecem ou dificultam a vida comunitária, a justiça e a fraternidade [...]”.

– Os adultos, num processo de aprofundamento e vivência da fé em comunidade, criarão, sem dúvida, fundamentais condições para a educação da fé das crianças e dos jovens, na família, nas escolas, nos meios de comunicação social e na própria comunidade eclesial. Essa preocupação era e permanece necessária e urgente.

No nosso contexto de mudança de época, e não apenas época de mudanças (DAP 44), é preciso transformar também práticas pastorais para promover um encontro luminoso com Cristo, que nos permite alegre acesso ao Pai da misericórdia que Jesus veio revelar. Isso explica a insistência de uma catequese querigmática e catecumenal nestes últimos decênios. A história do processo de iniciação à vida cristã, sobretudo relativa aos primeiros séculos, pode oferecer nova inspiração à ação catequética.

Para ficar no exemplar episódio da samaritana, é preciso que o catequista, como Jesus no poço de Sicar, sente-se ao lado de seu catequizando para tornar presente Jesus na vida dele e encontrá-lo. A história da catequese na Igreja, sobretudo no período da Patrística, mostra como é importante esse acompanhamento que hoje deve ser personalizado. O capítulo 2 do documento *Iniciação à vida cristã* apresenta